

## HERMENEGILDO BASTOS\*

Quando começou o Parnasianismo entre nós?

Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero.

Não que a poesia hoje precise cantar os malfeitos nacionais nem legitimar os projetos de nação, como no Romantismo, mas sim que a poesia se interesse ou não por isso, encena modos de ser, pensar e sentir, comportar-se, de estar perante o mundo e a vida que não existem por si mesmos, estão contextualizados, no verso e no anverso, no cais da nação. Modos (ou faltas de) da subjetividade não serão os mesmos em Paris, Calcutá, Argel, Cairo ou Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro tampouco haverá homogeneidade.

O sistema-mundo capitalista é uno e desigual: é isso um verso? (Curiosidade: o Manifesto comunista é contemporâneo das Flores do mal, com alguns anos apenas de diferença – ambos cantam o mal e têm como matéria poética as barricadas de Paris. Ah, Paris! E o Parnasianismo? O Brasil foi o país onde melhor se aclimatou o Parnasianismo. E por quê? Vá ver que ele nasceu aqui e não lá, senão na forma, na matéria (nasceu onde o refinamento da crueldade é mais apurado).

Assim, mesmo em nações onde os problemas nacionais já não pesam tanto, porque os elementos formadores da unidade nacional estão integrados e funcionam a contento, mesmo aí encontraremos os traços nacionais na poesia.

Para as nações que chegaram irremediavelmente atrasadas ao tempo de composição e integração nacionais, ah! o concerto das nações, o horizonte é ainda o dessa integração que, entretanto, parece não se completar jamais.

A poesia, ao evidenciar e iluminar esse atraso, poderá também evidenciar e iluminar o sistema-mundo capitalista, onde esse atraso é sistêmico e contém os dados que, combinados, podem ajudar a entender o desconcerto do sistema-mundo,

a desigualdade,  
a hipocrisia dos projetos da modernização,  
a sublimação das diferenças,  
a pós-modernização do pré-moderno  
o peso da vida se compra a cada dia

---

\* Poeta, ensaísta.  
Doutor pela USP.  
Professor adjunto da Universidade  
de Brasília.

Mensagenzinha pra se passar o natal  
Tudo isso que dói no osso e músculo  
do seu rosto  
e inflama nervos e pele  
que lhe esmaga o sorriso  
roubando ao mundo  
sua paisagem mais límpida  
Isso tudo que você carrega  
e em revide  
lhe carrega  
é mineral como a pedra  
que vai embaixo do braço  
sobre a cabeça  
amarrada nas pernas  
mineral como o seu riso  
de metais, saliva e zinco  
Esmagado, porém, o sorriso insiste  
em explodir a combinação  
dos elementos da água  
é um tipo novo de saber  
feito de beijos, poros e dentes  
paisagem do mundo  
ao amanhecer

Bom, isso não será poesia, será talvez um  
depoimento de um leitor de Drummond,  
alguém que lê Drummond hoje, em 2005.

Antes: mercadorias espreitavam-me  
Assim desse jeito: solenemente  
Para ser sincero, era recíproco  
também as espreitava  
talvez mais jocosamente  
ao infinito

Hoje  
já não excitam

que já não há margem no corpo  
para tal

E acaso haverá corpo?  
E o Brasil?

Corpo mesmo, com  
sumo  
só o da mercadoria  
o corpo-alma  
clone sem defeitos  
o homem enfim superior  
colagem de esartejados  
pedaços selecionados  
de inúmeros cadáveres  
compondo um único e artístico corpo  
só imagem, incorruptível  
(Gottfried Benn ou Augusto dos Anjos)

Dos corpos  
na beira da estrada  
se retiram os brilhantes dos dedos  
Sem olhos, então, as coisas se espreitam

Depois do horror, pouca coisa: o raro

Então, eu pergunto:  
Emoção e economia: qual delas vem  
primeiro  
(pois a ordem dos fatores não altera o  
produto)?  
Da emoção para a economia:  
o que não pertence ao mundo do vil metal?  
O inconsciente mercantilizado?  
Alguma ilha deserta  
povoada de agências de turismo?  
Da economia para a emoção:

Porque não se deve sentir nada  
tão fortemente  
só o bastante para efetivar o gesto  
do consumidor  
Assim se preservará emoção  
para o próximo gesto

“Vou lançar a teoria do poeta sórdido”

Depois “Os acontecimentos me  
entendiam”. Mas “O carro da miséria”, “A  
rosa do povo” antes aconteceram  
Ferreira Gullar veio a ser parnasiano  
redescobriu que o poema é sujo  
e o poeta, sórdido  
como em Bandeira  
“a nódoa no brim”

Na Bahia ainda, no Chame-Chame  
li Mário Chamie  
Eu mesmo descobri Armando Freitas Filho  
Hoje já não poetizo mais  
leio o Elefante  
e o seu país  
este onde o parnasianismo insiste outra  
vez e sempre em recomeçar